

## MEMÓRIAS A PASSOS E PASSES EM *O DRIBLE*

Marilda Aparecida de Oliveira Effting<sup>1</sup>

**RESUMO:** Em *O dribble*, Sérgio Rodrigues desenha uma história crivada de elementos conhecidos do cenário nacional, como a política e suas mazelas, quando discorre na trama sobre situações inerentes ao antes e ao durante o período sombrio da Ditadura Militar no Brasil. No entanto, o futebol é o fio condutor para a constituição do romance. E é nele, no futebol, que estão ancoradas todas as veias estruturantes da narrativa. Pretende-se, neste ensaio, apresentar uma leitura de *O dribble* evidenciando ecos de memórias, juntamente com o tempo, nas imbricações entre o real e o ficcional, a partir das lembranças da personagem Murilo Filho.

**PALAVRAS-CHAVE:** memória; narrativa; tempo; futebol; Brasil.

### MEMORIES IN STEPS AND PASSES IN *O DRIBLE*

**ABSTRACT:** In *O dribble*, Sérgio Rodrigues draws a story riddled with elements known to the national environment, such as politics and its mischief, when he discusses situations inherent to the before and during the somber period of the Military Dictatorship in Brazil. However, football is the guiding thread for the constitution of the novel. And it is in football that all the structuring veins of the narrative are anchored. In this essay, we intend to present a reading of *O dribble* evidencing the echoes of memories, along with the time, in the imbrications between the real and the fictional, from the memories of the character Murilo Filho.

**KEYWORDS:** memory; narrative; time; football; Brazil.

*Já descobrimos o Brasil e não todo o Brasil.  
Ainda há muito Brasil para descobrir.  
Não há de ser num relance, num vago e  
Distraído olhar, que vamos sentir todo o  
Brasil. Este país é uma descoberta  
Contínua e deslumbrante.<sup>2</sup>*

*Brasil está vazio na tarde de domingo, né?  
Olha o sambão, aqui é o país do futebol  
Brasil está vazio na tarde de domingo, né?  
Olha o sambão, aqui é o país do futebol.<sup>3</sup>*

---

<sup>1</sup> Doutoranda em Literatura pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Professora no Núcleo de Estudos da Terceira Idade (NETI/UFSC). Bolsista FUMDES/SC. E-mail: marilda.effting@ufsc.br

<sup>2</sup> RODRIGUES, Nelson. *A Pátria de chuteiras*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2013. p. 23 (da crônica *A piada imortal*, publicada em 27/05/1962, no *Jornal dos Sports*).

<sup>3</sup> Primeira estrofe da música *Aqui é o país do futebol*, de Milton Nascimento e Fernando Brant. Composição feita para a trilha sonora do documentário sobre o jogador Tostão, em 1970.

## Na jogada literária

Brasil. Futebol.

A segunda palavra da linha acima, falada ou escrita, acende uma chama de memória em qualquer brasileiro, independentemente se há ou não, nesse ou naquele, engajamento esportivo. Logo, é possível criar uma imagem para reconhecer do que se trata, digo isso ancorando-me às abordagens de Maurice Halbwachs (2012). Associações e ligações podem acontecer não somente através de eventos da indústria futebolística — de grande ou pequena importância—, mas também por meio de objetos referenciais a essa modalidade esportiva. Ainda há os nomes. Nomes próprios ou apelidos/nomes próprios. Sempre há um nome o referenciando, elenco alguns citados ao longo do romance de Sérgio Rodrigues: Gilmar, Leônidas, Zizinho, Didi, Zito, Pelé, Garrincha, Nilton Santos, Zagallo, Vavá, Tostão, Rivelino, Zizinho, Marinho Chagas, Telê, Dirceu Lopes, Fausto, Welfare, Zico, Ipojucan, Gradim, Falcão, Romário, Ronaldo. Pode ser um nome de tempos idos ou mais recentes. Seja o futebol arte ou poesia. Na perspectiva de um samba ou de um balé clássico. Na correria, em passos longos ou em passes ensaiados, lá vão eles — igualmente elas — driblando e sendo driblados, assegurando explosões de alegrias ou tristezas aos mais devotados.

A primeira palavra de abertura deste texto refere-se ao Brasil dos brasileiros. O mesmo Brasil do país do futebol. Porém, sem reducionismos, o Brasil que vai além de uma bola rolando. De uma disputa entre 22 atletas em campo de medidas oficiais estabelecidas pela *Fédération Internationale de Football Association* – FIFA, mas também nos de várzeas, nos quais todos os mandos de campo ficam por conta dos peladeiros titulares, os pés descalços, os pés no chão. Antes da consagração futebolística, o país já trilhava seu percurso histórico. Alguns trechos tortuosos, é verdade. Contudo, as memórias tendem ao esvanecimento; porém, sem esquecimento do todo. A despeito disso, segundo Maurice Halbwachs, há processos de rememorações em situações provocadas, intencionais ou outros que acontecem circunstancialmente, e nestes ou naqueles algum dado pode se diluir. O que não pode ser diluído da memória de um povo é o trabalho de reconhecimento e reconstrução de “quadros sociais” que encerram a nação Brasil. E este país, para além de memórias de um esporte, tem no futebol uma marca identitária, ou seja, há uma relação muito próxima e forte entre o futebol e a nação brasileira, elemento de configuração de identidade de um povo, neste caso, o povo brasileiro.

## Campos de convergências

O apito inicial da narrativa de *O drible* cintila o início da década de 1970, com o cruzamento de dois fatos marcantes para Murilo Filho. No dia 17 de junho daquele ano, a Seleção Brasileira enfrenta o Uruguai na semifinal da Copa, realizada no México. O Brasil vence a partida por 3 x 1; no entanto, o lance mais ruminado aos aficionados por futebol foi o drible de Pelé no goleiro Mazurkiewicz e o chute subsequente indicando mais um golão, mas a bola sai a poucos centímetros da trave direita e o gol não acontece. Na mesma data, Elvira Lobo morre ao pular sobre “pedras batidas pelo mar” (p. 14) carioca. E Murilo Filho “vê-se preso para sempre naquele dia” (p. 14).

Depois de aposentado de uma longa e proeminente carreira de jornalista e cronista vinculada a jornais de esporte, Murilo Filho, personagem condutora da trama, opta por viver recluso em um sítio, na subida da serra do Rio de Janeiro, no Rocio. Distante das agitações do centro urbano carioca, busca, proustianamente, diante do

tempo que lhe resta de vida, encontrar uma forma para acertar as contas com o passado. Ou melhor, com uma parte opaca da sua história pessoal, a que o liga ao seu filho Murilo Neto, cria de um passado ressentido. A partir dessa tabela, na qual pai e filho procuram respostas, tempo e memória mobilizam os códigos do drama familiar arquitetado por Sérgio Rodrigues, e nesse contexto a bola quica por 218 páginas, circundando os anos 1950 a 2013.

A narrativa que se serve de fatos reais vinculados ao futebol encontra nele força de representatividade e acolhida, principalmente quando elege um campeonato mundial da magnitude de uma Copa do Mundo e os acontecimentos inerentes ao evento. Sérgio Rodrigues emprega na construção do romance, além de situações ocorridas na Copa do Mundo de 1970, fatos políticos do Brasil, ingredientes esses que se fundem e dão densidade ao conjunto da obra. Também faz alusão a movimentos e comportamentos sociais anteriores à década de 70, como se demonstrando as diferenciações do percurso histórico e deste encadeamentos referenciais à ficcionalização.

Fazem parte do círculo de amizades de Murilo Filho alguns nomes reconhecidos no âmbito artístico e intelectual, como Nara Leão, Wilson Simonal, Sílvio Brandão, Millor Fernandes, Ilka Soares, Mário Filho, João Saldanha, Armando Nogueira e Nelson Rodrigues. Esses nomes misturam-se aos nomes ficcionais e alimentam a trama narrativa quanto às voltas com os dilemas das memórias evocadas por Murilo Filho. Nesses casos, Maurice Halbwachs (2012, p. 30) afirma que as “Nossas lembranças permanecem coletivas e nos são lembradas por outros, ainda que se trate de eventos em que somente nós estivemos envolvidos e objetos que somente nós vimos. Isto acontece porque jamais estamos sós”. Apesar de Murilo Filho optar, na velhice, pelo isolamento, ele se mantém cercado de muitas pessoas ou dos fantasmas delas. Ele que bastante viajou, transitou em rodas sociais de vários níveis, conheceu de perto muitas personalidades, impossível se manter só na sua solidão. Há sempre uma partilha nas lembranças. Nas boas e nas ruins. E os nomes dessas pessoas endossam memórias do mundo real, têm suas histórias reconhecidas pelas suas trajetórias e seus fazeres, o que dá noção de veracidade às articulações da narrativa desenhada. A exemplo, Nelson Rodrigues, jornalista e ícone da literatura brasileira, deixou em seu legado literário inúmeras crônicas esportivas. Tratou em outras crônicas, romances e peças teatrais de assuntos do dia a dia das pessoas comuns. Combinou com ideias e representações dramas da vida como ela é em cenas particularizadas ou coletivas. E assim fez e refez retratos nacionais da cultura, da política e do futebol, endossando este último como componente de identidade do país, tanto que em 2013, mesmo ano de publicação de *O dribble*, foi lançado, pelo Governo Federal, *A Pátria de chuteiras*, livro que reúne 40 crônicas esportivas de Nelson Rodrigues.<sup>4</sup>

Sérgio Rodrigues fabula, em *O dribble*, o inconformismo de um homem que passa a vida com a dúvida de legitimidade paterna. Murilo Filho desconfia de que Tiziu, apelido usado por ele ao se referir a Murilo Neto, não seja seu filho biológico. A cor morena de Neto alimenta a desconfiança de que Elvira o traiu. E a desconfiança vai se cristalizando nas observações dos colegas de profissão de Murilo Filho. E em uma das tardes, das poucas que acompanhou o pai ao Maracanã,

A primeira logo após a Elvira morrer e ele voltar a morar com o pai no Parque Guinle, deveria ter cinco anos. A última em torno de dois anos

---

<sup>4</sup> *A Pátria de chuteiras* reúne 40 crônicas de Nelson Rodrigues, escritas nos anos de 1950 a 1970. Publicação realizada pelo Ministério do Esporte, na época sob a representação do ministro Aldo Rebelo, dentro da programação das festividades à Copa de 2014, realizada no Brasil, na cidade do Rio de Janeiro. Disponível em: <<http://www.copa2014.gov.br/pt-br/noticia/cronicas-de-nelson-rodrigues-futebol-e-paixao>>.

depois. Numa dessas tardes Nelson Rodrigues gritou de longe: Ei, Murilo, seu filho é um cambaxirra! Neto sentiu o rosto queimar como se tivesse sido xingado, entendendo de forma instintiva que o homem aludia ao fato de ser mirrado, moreno, diferente do pai. (RODRIGUES, 2013, p. 22).

E os rancores de Murilo Filho em relação àquela paternidade incerta aumentavam por intuir que a morte de Elvira foi decorrente de desilusão com o outro, um amante.

Ao fazer uma visita ao pai, Neto tenta falar de assuntos que os separaram e que intensificaram a sanha entre eles, “[...] mas os dribles do velho iam ganhando diversidade e colorido à medida que o outono envelhecia e despencava a temperatura no Rocio” (RODRIGUES, 2013, p. 154). E as respostas eram escamoteadas por narrativas de casos de jogadores e pelas histórias deles com os seus clubes de futebol, as suas trajetórias de sucessos ou de fracassos.

Além das desconhecidas e intrigantes causas das diferenças entre Murilo Filho e Elvira, havia em Neto uma insistente e profunda dor devido ao envolvimento do pai com Ludmila, seu grande amor. Lúdi, como era conhecida, foi namorada de Neto na juventude e Murilo se envolveu com ela. Tal episódio alavancou o rompimento de pai e filho por 26 anos. E quando Neto tentava alguma elucidação,

Às vezes a resposta demente de Murilo se ligava por um fio à pergunta. Neto queria saber se era verdade o que diziam, que ele tinha dedurado gente na ditadura, e o velho contava a história do dia de 1970 em que seu amigo Wilson Simonal – que estava na concentração para tirar uma onda e entreter os futuros tricampeões com sua voz maviosa de astro de canção – , o Simonal caiu no trote dos jogadores e realmente acreditou, o pavão, que tinha sido convocado pela comissão técnica para jogar a copa. A maior parte das vezes a resposta era puro disparate. Neto não demorou a descobrir que a caduquice do pai, mais grave a cada semana, tinha um lado confortável. [...] “Você ainda não me pediu perdão por roubar a mulher da minha vida, seu filho da puta.” O velho reagia contando às gargalhadas a história de Robson, precursor de Michael Jackson, um jogador negro do Fluminense que ao ser entrevistado por Mario Filho sobre a existência de preconceito racial no futebol confirmou dizendo: “Olha seu Mario, eu já fui preto e sei o que é isso”. (RODRIGUES, 2013, p. 154-155).

Do mesmo modo, quando o assunto era Elvira e Conceição:

“Elvira se matou por sua causa, seu mulherengo escroto.” Murilo pondera que Nelinho tinha uma patada tão violenta que arreventou as veias do pé direito e teve que fazer uma angioplastia. [...] “O pior foi quando Conceição morreu e você nem me avisou. Na boa, difícil imaginar coisa mais nojenta, mais desumana.” O velho dava um sorriso beatífico. “Sabia que na terra do Maradona muita gente ainda chama ponta de *güin*. Sabe de onde vem isso? Do inglês *wing*. Trocaram o gê de lugar. Não é engraçado?” Às vezes Neto tinha certeza que o pai sabia o que estava fazendo e o papo detraquê era encenação.

[...] “Você pensa que a sua mãe era santa, eu era o diabo e Elvira a santa. Não é isso que você pensa? Você não sabe nada, nada de nada de nada.” Nesse momento não adiantava perseguir o assunto. “Por que você está dizendo isso? Tem alguma coisa para me contar, conta de uma vez.” “Sabia que o Gerson fumava até no intervalo dos jogos?” “Eu acho que você é um velho caquético que não sabe o que fala.” “Você nunca foi bom de achar, Tiziu. Só de perder.” (RODRIGUES, 2013, p. 155-157).

Conforme observa Neto, Murilo Filho introduz em suas conversas, reiteradas vezes, os mesmos assuntos sobre futebol, detalhando pormenores ao filho para que ele enxergue as evidências da sua própria história. Maurice Halbwachs (2012, p. 72) explica que, em necessidade de evocar o passado, “[...] em geral a pessoa precisa recorrer às lembranças de outras, e se transporta a pontos de referência que existem fora de si, determinados pela sociedade”. Mas a memória individual de Neto não encontra no futebol elementos convergentes com os fatos que lhe roubaram a convivência com o pai, menos ainda a carga de ódio que o tempo só fez crescer entre eles. Perdiam-se nele a afetividade, o laço familiar. Faltava-lhe consistência em suas lembranças, as quais pudesse tangenciar uma reaproximação livre de máculas, agravadas pelo afastamento de mais de duas décadas e meia. Com a falta de apego, vingou o esquecimento e “[...] esquecer um período de sua vida é perder contato com aqueles que nos rodearam” (HALBWACHS, 2012, p. 33), e a restituição dessa perda se dificulta pelo cultivo ao desapego, pela negação ao reconhecimento, pelo apagamento de lembranças. Os esforços do pai, através desses movimentos de memórias, são insuficientes para constituírem-se em chaves para os fechadíssimos arquivos que tanto ferem os dois homens por privação de respostas naquela relação.

Ao leitor é dado o logro das intercambialções de fatos históricos com outros ficcionais, como a saga do personagem Peralvo. Este que possivelmente seria maior que Pelé, em consagrações no futebol, se as forças ocultas não tivessem conspirado contra ele, pois

É tentador pensar na trajetória de Peralvo como uma metáfora da situação política do país naquele ponto da história. Logo após o tenebroso Vasco x Santos de 1964, traçar paralelos desse tipo foi um passatempo para um bom número de jornalistas esportivos cariocas. O futebol paranormal do merequendano parecia prenunciar algo maior, um salto de qualidade que enfim transformaria o país naquilo que ele tinha o potencial para ser, porém acabou não sendo. Afigurava-se como um corolário que havia transformado o futebol brasileiro no que ele era, conforme documentado por Mário Filho e comemorado por Gilberto Freyre. (RODRIGUES, 2013, p. 197).

Certamente o nome de Peralvo não figura nas pesquisas e nos registros sobre futebol, realizados por Mário Filho e Gilberto Freyre. Mas Peralvo é uma alegoria que transita nos diálogos de *O drible* como peça de intervenção para equilibrar as memórias da personagem Murilo Filho. Apesar do desfecho trágico para Peralvo, ele é um elemento de justaposição e preenche o que poderia ficar vazio acerca dos discursos e “[...] não se poderia dizer que o discurso se confunde com sua dimensão visível, pois ainda implica uma dimensão ausente, atualizada mesmo enquanto ausente” (COSTA LIMA, 1974, p. 9). Desse modo, de acordo com Luiz Costa Lima, os vazios do discurso são “concretamente” previstos. Não estão por acaso na construção discursiva, de tal maneira que podem ser manifestados ou implícitos e “suscitar o efeito de beleza”. E “[...] a beleza concede um valor de enigma ao objeto não apenas para o seu leitor, mas ainda para o seu criador. Isso porque a beleza mais fortemente esconde o *entredito* que não se expressa” (COSTA LIMA, 1974, p. 9).

Com a personagem Peralvo, o jogo de Sérgio Rodrigues vai se constituindo nesse diálogo possível de criação literária e dos saberes assumidos pela literatura, no dizer de Roland Barthes. Há uma aproximação e uma esquiva aos fatos de memórias, entrelaçados ao futebol brasileiro. Dos anos que se seguiram, por uma armação

projetada, advinda das rumações de Murilo Filho, o passado ressurgiu para os dois homens escorado na história dessa prática desportiva e no que pode ser dito sobre ela. E, na construção que se lê, Peralvo foi um quase grande jogador, com muito potencial. Teve oportunidades de ser célebre, de ter visibilidade e crédito nas suas potencialidades, mas procurou outros caminhos e neles se desfez jogador:

Nunca duvidei que, caso a vida seguisse seu curso normal, Peralvo teria sido maior que Pelé. Continuo a não duvidar. Isso significa dizer que ele foi mesmo, e é, como potência, maior que Pelé. Significa também que o fim prematuro da sua carreira não representou só mais uma promessa não cumprida entre tantas que adubam o solo do Brasil, mais um feto abortado que se possa lançar no livro-caixa da cultura como valor negativo e esquecer. (RODRIGUES, 2013, p. 194).

Um país que no ano de 1964 vivia as agruras da Ditadura Militar e todos os reflexos de um golpe político. O Brasil, mais que o futebol, precisava de alguém que enxergasse um segundo adiante – um segundo do futuro –, podendo, desse modo, prever o que aconteceria e então se posicionar para uma jogada certa, para ataques e contra-ataques mais eficientes e assim diminuir do futebol a responsabilidade de satisfazer uma nação, de livrá-la, quem sabe, das atrocidades daquele obscurecido período. As armações engendradas em *O dribble* cruzam toda a linha de fundo das jogadas textuais e deslocam o leitor a datas e fatos importantes do passado do cenário nacional.

## A bola que rola com o povo brasileiro

A história do futebol, como bem se sabe, teve início no continente europeu, mais especificamente na Inglaterra. O que começou naquele país, na segunda metade do século XIX, tomou vulto em todos os continentes e se transformou no maior evento esportivo mundialmente conhecido. O futebol se popularizou e se profissionalizou, tornando-se, principalmente na atualidade, uma cobiçada carreira por desportistas, ou ainda, por aspirantes a jogador.

No Brasil, o futebol funde-se à identidade nacional. Está entranhado na cultura e nas representações sociais. Com cinco títulos mundiais, o país se mantém à frente das demais nações participantes desse evento grandioso e popular, reafirmando-se como um bom produtor dessa modalidade.

O futebol foi se solidificando como uma marca do povo brasileiro. Ele não nasceu aqui, mas aqui chegou e se fixou, naturalizou-se nos costumes e serve de ponte para a identificação do país. Nos pressupostos de Stuart Hall (2005, p. 49), “[...] as identidades nacionais não são coisas com as quais nascemos, mas são formadas e transformadas no interior da representação. [...] Segue-se que a nação não é apenas uma identidade política, mas algo que produz sentidos, um sistema de representação cultural”. Assim, lê-se em *O dribble*, através do discurso de Murilo Filho, “[...] o desejo de encontrar antes que fosse tarde demais uma explicação totalizante para o Brasil. Buscava ao seu modo lunático uma teoria geral para dar conta do que pudesse haver de único e aproveitável sob o suposto enigma nacional” (RODRIGUES, 2013, p. 63). E a personagem, com as dificuldades de lidar com os problemas na esfera pessoal, confunde-se com os problemas enfrentados nas instituições culturais, sociais e políticas e com os problemas dos símbolos representativos, como o futebol, que, ao mesmo tempo que aproxima as pessoas, causa rivalidades ao impor soberania entre os times, os clubes.

Na análise de Murilo Filho, a história do Brasil está intimamente ligada ao fenômeno futebol. Antes do futebol o que havia eram fragmentos de um povo colonizado em instâncias diversas, devido ao tamanho do país e sua distribuição geográfica. As partes do Brasil não se conheciam. Um Brasil desigual, com a maioria da população ainda em condições subalternas, miseráveis, o que consistiria na

[...] fabricação de toneladas de argamassa para colar os cacos de um país gigantesco que até aquele momento não era bem um país, mas uma vastidão de terra dividida entre uns poucos proprietários que se distinguiam em partes iguais pela ganância e pela indiferença às condições de vida das multidões que trabalhavam para eles, pouco lhes importando que estudassem ou deixassem de estudar, que tivessem casas com redes de esgoto ou cagassem no mato, que vivessem ou morressem. (RODRIGUES, 2013, p. 59).

O futebol teve esse efeito. Serviu para um autorreconhecimento interno primeiramente e, com isso, o cruzamento de fronteiras. Certamente que os problemas permaneciam sobre as gentes brasileiras, o futebol, na verdade, uniu as falas do povo. Os nomes dos jogadores eram pronunciados igualmente. O unísono do grito de gol, com vibração e entusiasmo, igualava pobres e ricos. Mas, apesar desse movimento de aproximação, a bola que rolava nos gramados precisava de mais força para dirimir, inclusive, as diferenças surgidas no processo futebolístico.

O reforço sobre a história do futebol, na fusão com a história do Brasil e as memórias do povo brasileiro, e todo o construto desse fenômeno são lembrados por Sérgio Rodrigues na fala provocativa de Murilo Filho direcionada ao Tiziu, quando menciona o livro do jornalista Mario Filho: “[...] aquele livro dele é um monumento, me ensinou quase tudo o que sei. Você não leu *O negro no futebol brasileiro*, leu? Claro que não leu. Devia ser obrigatório em todas as escolas, mas pouca gente leu” (p. 59).

## Entre titulares e reservas na escalação de Sérgio Rodrigues

A não linearidade da narrativa estrutura-se nas idas e vindas ao passado, ora por Murilo Filho, ora por Neto. E é nesse vaivém que algumas personagens surgem para realinhar a orquestração do romance. As mulheres, por exemplo, desfilam no passado e no presente tanto de Neto quanto de Murilo Filho. As tensões se fortalecem apoiadas nos relacionamentos delas com esses homens. De acordo com os relatos masculinos, cabe a elas — Elvira, Lúdi, Uiara, Gleyce Kelly, Conceição — um lugar secundário na construção histórica narrativa, o que pode ser entendido diferentemente, considerando que é sobre elas, por elas, com elas e pela ausência delas que a narrativa se alicerça. E o eixo principal é Elvira, morta. Ex-mulher de Murilo Filho e mãe de Murilo Neto.

Para Murilo Filho, Neto é um perdedor, sempre em segundo plano em todos os projetos e configurações de sua existência, ele que é filho de Elvira e presumido filho de Murilo. Neto passa a infância e parte da adolescência, período em que conviveram sob o mesmo teto, aterrorizado pelo pai. O rapaz, sem alcançar as razões de tanta hostilidade, tem em Conceição, a empregada de seu pai, a única referência de afetividade e de colo para as horas de dores físicas e tormentos emocionais.

Em *O drible*, Sérgio Rodrigues reelabora o prazer daquele instante mágico da aproximação de um gol. Anima as circunstancialidades de um evento muito comentado e que fez História em época de seguidos e simultâneos acontecimentos sociais e políticos,

concorrendo com uma Copa do Mundo. E nisso faz-se, na expressão de Barthes (2004, p. 29), um “escritor de prazer”.

Outras Copas também ressurgem como discursos indiretos de pai para filho. Essa estratégia pode ser notada através de um dos poucos quase diálogos em que tem como pano de fundo o jogo entre Brasil e França, valendo uma vaga para as semifinais de 1958, em Estocolmo:

No terceiro domingo os eflúvios clonazepânicos subiram a serra com ele. Talvez isso explicasse a distração que o levou a só se lembrar dos croquetes de carne quando era tarde demais. [...] Murilo o esperava no surrado sofá de couro da sala, de frente para a tela apagada de um velho aparelho de TV. “Novidade, Tiziu”, anunciou, batendo palmas com a mesma excitação infantil que lhe provocaram as traíras ao saírem da água. “A partir de hoje o Recanto dos Curiós oferece cineminha antes da pescaria.” E tomando o embrulho de suas mãos: “Vamos guardar as salsichas para comer na represa. Ui! Ui!” Levou dois segundos para entender que não eram interjeições de dor que o velho gritava. [...] “Senta aí”, disse o pai pegando o controle remoto no braço do sofá. “O que você vai ver agora é a essência. O âmbar de Moby Dick. O segredo mais bem guardado da história do futebol. Não precisa me agradecer.” [...] Neto esperou o pai rebobinar o vídeo para entender o que estava acontecendo ali, que jogo era aquele. Murilo parecia satisfeito com o andamento do espetáculo. [...] “Não estou entendendo, pai.” “Imagino que não. Mas presta atenção nos movimentos, Tiziu. Na dinâmica. Importa saber que jogo é esse? Para que seu coração manda você torcer, assim sem saber nada? A gente sempre tem uma simpatia intuitiva qualquer.” [...] “Que tal um pouco de narração? Não estou entendendo xongas.” (RODRIGUES, 2013, p. 75-78).

E Murilo Filho narrou aquele jogo para Neto. De tudo o que ele podia ver e sentir daquele jogo. Os detalhes eram nítidos para ele, apesar do desgaste do material de registro, uma fita VHS, e dos equipamentos eletrônicos obsoletos para a visualização do vídeo, das imagens. Ele expressava emoções e impressões sobre cada jogador e sobre as atitudes deles em campo. Conhece cada passo dado pelos atletas representantes das duas seleções. Bastava rebobinar a fita e colocar para rodar, mais uma vez. Diante daquela situação desgastante, um detalhe chama a atenção de Neto: “Quando o goleiro da França se preparava para bater o tiro de meta com mais um chutão, Neto reparou que as placas de publicidade atrás dele eram da TV Philips. A mesma marca do aparelho em que assistiam àquele velho videotape que o deixara confuso” (RODRIGUES, 2013, p. 78). Talvez as placas de publicidade coincidirem com a marca do aparelho da televisão, pela qual estavam assistindo ao jogo, fosse o menor dos detalhes para Murilo Filho; no entanto, foi a única observação feita por Neto e que despertou uma célula da sua atenção. No mais, ele continuava sem entender direito o segredo daquele jogo:

[...] Mais um desarme em cima do Pelé. Na sequência o Vavá vai fazer um cruzamento bisonho para absolutamente ninguém, espera. Olha só. Não falei?” “Acho que estou entendendo, Murilo. Você quer dizer que o jogo foi uma pelada sórdida, é isso?” “Eu não quero dizer nada. Você está vendo, eu não preciso dizer. Só comecei a falar porque você pediu. Olha isso agora, o Fontaine consegue receber uma bola limpa nas costas de Nilton Santos. Quando corta para bater de esquerda, o Bellini trava ele.” [...] “Como está mal esse menino Pelé, hein? Pode até ser uma promessa de craque, como andam dizendo, mas pelo visto ainda vai ter que comer

muito angu. Não acertou uma única jogada, caramba. Mas o pior é o Garrincha. Ah, o Garrincha está jogando?” “É isso.” [...] “Eis o segredo mais bem guardado da história do futebol.” “Deve ser bem guardado à beça. Não tenho ideia do que você está falando.” Murilo sorria. “Não aconteceu nada,” insistiu Neto. “Justamente. Sabe como terminou? Cinco para o Brasil, dois para a França. Sabe quantos gols o Pelé marcou, o mesmo Pelé que acabamos de ver errando tudo o que tentou fazer? Três. Dois deles obras-primas, depois de jogadas diabólicas do Garrincha. Tudo no segundo tempo. No primeiro, poucos minutos depois do pedaço horrível que nós acabamos de ver, o Didi já tinha metido uma folha-seca no ângulo do Abbes. Não é à toa que esse jogo costuma ser lembrado como um dos maiores de todas as Copas.” “E por que você escolheu o pior pedaço para me mostrar?” O velho, que até então tinha um brilho gozador nos olhos, o encarou com expressão grave. “Não é o pior pedaço. É a vida.” (RODRIGUES, 2013, p. 79-81).

Para Murilo Filho, a vida poderia ser descrita como uma partida de futebol. A vida nada mais é do que um jogo. Tem os que jogam e sabem o que fazem. Tem os que jogam e não sabem o que fazem. Tem os que não jogam, mas entendem as jogadas. Tem os que não jogam e não sabem sequer reconhecer uma jogada, mesmo a mais básica. Murilo via Neto nesta última condição. Além de não jogar e não entender direito o significado dos passes, não se interessava por nada daquilo. Os passos de Neto, na visão de Murilo Filho, sempre foram lentos e sem direção. Mas, para Neto, bastava ser um tradutor de livros de autoajuda e viver a vida que lhe era possível. Sem ambições.

O julgamento do pai sobre a vida e os afazeres do filho certamente nada acrescentaria àquela relação esfriada ao longo dos anos, mesmo porque Neto não se importava com a opinião do velho, que, para ele, demonstrava claros sinais de senilidade. No entanto, os jogos não terminavam. Eles ficavam cada vez mais enigmáticos, referindo-me aqui não somente aos episódios de futebol narrados por Murilo Filho, mas, principalmente, ao jogo narrativo que ordena todo o romance.

## Apito final

Pode ser percebida, no percurso narrativo, uma voz insistente, ressoante e provocativa que direciona todas as atenções ao futebol. Sim, há evidências fortes de questões de cunho futebolístico, mas o futebol povoa a narrativa como uma grande metáfora da vida enquanto um jogo. E, como alude Barthes (1998, p. 77), é interessante notar que “‘Jogar’ deve ser tomado aqui no sentido polissêmico do termo”. Desse modo, todo o decurso de tessitura são criações de jogadas; as mais diversificadas e inimagináveis jogadas lançadas por Sérgio Rodrigues, podendo ser considerado um belo gol na produção literária brasileira.

E, assim, o jogo entre Murilo casmurriano e Neto se arrasta até o apito final da tragédia que os encerra da possibilidade de uma reaproximação. Do entendimento parental de pai e de filho. Murilo Filho, corroído por lembranças amargas, planeja, ardilosamente, a própria morte com o objetivo de incriminar Neto e este passa a ser julgado por toda a sociedade em decorrência do “covarde patricídio do Rocio” (RODRIGUES, 2013, p. 216), estigma que o acompanhou por tempos, impulsionado pela volumosa midiáticação do caso. E, no desenrolar das ocorrências, Neto temia:

O início do júri popular está marcado para amanhã. Serei condenado por unanimidade. Se nem Maxwell Smart foi capaz de acreditar em minha

inocência, o que esperar de semianalfabetos cevados em manchetes sensacionalistas? O próprio Rodolfo Brunner, meu advogado-estrela, é cético até a medula, embora finja ter fé para honrar a pequena fortuna em honorários que me arrancou nos últimos três anos e meio entre prisões temporárias, habeas corpus e audiências de instrução, torrando mais da metade dos oitocentos mil reais que rendeu a venda do apartamento da praça Santos Dumont. Até hoje meus breves períodos na cadeia foram passados em celas especiais, privilégio de quem tem curso superior no Brasil. (RODRIGUES, 2013, p. 213-214).

Tudo depunha contra Neto, ele mesmo externou, quando muito provocado por Murilo Filho, vontade de matá-lo. E Murilo Filho aproveitou cada situação para plantar provas contra Neto. E parece que seus intentos estavam se confirmando. Todo esforço na tentativa de reanimar o pai, logo que o encontrou caído na represa, já sem vida, foi em vão:

Finalmente: o autobeliscão, o frenesi, o mergulho na represa gelada. A dificuldade de tirar da água o corpo cheio de braços e pernas, olhos vidrados refletindo as nuvens. Beijo na boca, sabor croquete. Murros no peito murcho fazendo espirrar água do suéter empapado. Respira, filho da puta! O tempo mais uma vez desmedido, dando um jeito, traiçoeiro, de deixar a eternidade e infiltrar até no domínio de uma agitação frenética, ações repetidas ficando vazias de sentido e cada vez mais anestésicas, como uma música serial. (RODRIGUES, 2013, p. 215).

O tempo foi calculado por Murilo Filho para que Neto não obtivesse êxito no ímpeto de impedi-lo de executar o seu plano de morte. E o tempo, em circunstâncias como essa, torna-se impiedoso, sobre o qual não se tem controle, apenas o desejo que ele se molde de acordo com as nossas necessidades, no dizer de Maurice Halbwachs (2012), que ora o tempo corra depressa, ora se arraste ou se imobilize.

Murilo Filho fora um profissional expoente no campo do jornalismo esportivo. Teve voz e vez na carreira que empreendeu. Frequentou as altas rodas da sociedade carioca, com *status* de celebridade, isso em tempos idos, bem antes de sair de cena e de se fechar em um processo de autorreclusão por anos, somente voltando aos centros das atenções e da opinião pública após sua morte. Uma morte traçada detalhadamente com o intuito de vingar Elvira, já morta, mãe de Neto, e o filho da mãe, aquele de quem ele renegava a paternidade por supor não ser o pai biológico. A cada encontro, o desafeto entre eles se reverberava com menosprezos, provocações e xingamentos. Murilo Filho via Neto como uma aberração e fazia questão de expressar suas opiniões e sentimentos: “[...] eu sei que você não conhece Machado, será que conhece Euclides? Você é o pé de café que nasceu no meu milharal, rapaz. Sua mãe era uma vagabunda. Acontece que eu amava demais aquela vagabunda” (RODRIGUES, 2013, p. 209).

A angústia existencial, provocada por passos e passes desencontrados e que chegam em linhas limítrofes de jogadas, muitas vezes, leva as pessoas, por motivo torpe, a sucumbirem. Convém lembrar que, diferentemente da consagrada arte emplacada aos jogos de futebol, dos mais antigos, nos seus moldes rudimentares, aos cercados de toda alta tecnologia da atualidade, na vida não há *replay* nem *pause*, tampouco pode ser editada. No contínuo seguir dos seres humanos, outras histórias ocupam os vazios existenciais. As fissuras ocasionadas durante as trajetórias, na maioria das vezes, param de sangrar, mas as cicatrizes denunciam que ali ocorreu um sinistro, por isso as memórias, individuais ou coletivas, por mais silenciadas que estejam, em dado contexto são reacesas, as intervenções são processadas de acordo com as tomadas de

lembranças, de retrospectivas. Em *O drible*, as mágoas aniquiladoras, brotadas da memória de Murilo, contribuíram, definitivamente, para não “atar as duas pontas da vida” de pai e de filho.

*Pelé refinou o futebol à sua essência mais rarefeita. O futebol virou ideia pura e de repente homens, bola, ninguém mais se comportava como seria de esperar que se comportasse neste mundo vão.*<sup>5</sup>

*Se o drible é o mais lúdico dos lances, e o gol define o resultado (muitas vezes, não há relação entre o placar e a história da partida), o passe é o mais solidário dos fundamentos técnicos. O passe é a união, a ponte, entre o individual e o coletivo, entre o desejo, a ambição e a razão.*<sup>6</sup>

## Referências

- BARTHES, R. Da obra ao texto. In: \_\_\_\_\_. *O rumor da língua*. Tradução de Mário Laranjeira. São Paulo: Brasiliense, 1998.
- \_\_\_\_\_. *O prazer do texto*. Tradução de J. Guinsburg. São Paulo: Perspectiva, 2004.
- COSTA LIMA, L. Poética da denotação. In: \_\_\_\_\_. *A metamorfose do silêncio*. Rio de Janeiro: Eldorado, 1974.
- HALBWACHS, M. *A memória coletiva*. Tradução de Beatriz Sidou. São Paulo: Centauro, 2012.
- HALL, S. *A identidade cultural na Pós-Modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.
- RODRIGUES, Sérgio. *O drible*. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.

**Recebido em:** 30/08/2018

**Aceito em:** 14/11/2018

**Referência eletrônica:** EFFTING, Marilda Aparecida de Oliveira. Memórias a Passos e Passes em *O Drible*. *Criação & Crítica*, n. 22, p., dez. 2018. Disponível em: <<http://revistas.usp.br/criacaoecritica>>. Acesso em: dd mmm. aaaa.

---

<sup>5</sup> RODRIGUES, 2013, p. 12.

<sup>6</sup> *Gazeta do Povo*, espaço esportivo e no qual o ex-jogador de futebol Tostão escreve crônicas. Disponível em: <<http://www.gazetadopovo.com.br/esportes/colunistas/tostao/o-drible-o-passe-e-o-gol-bra5hfkx3tkmvzv0ai2wag7da>>.